

A FORMAÇÃO INTELECTUAL E GERAL E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO NARRADOR, NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA

Odette Faustino da SILVA*

Pedro Nava começou em 1968 a redigir as suas memórias, das quais *Balão Cativo* constitui-se no segundo volume; foi publicado em 1973. Consta de quatro longos capítulos, (uma das marcas dominantes da modernidade do autor), que, juntos, abordam o período da sua infância (7/8 anos), a pré-adolescência, (10 anos) até a sua juventude (16/17 anos), então aluno do Internato do Colégio Pedro II.

Em *Balão Cativo* como nos demais volumes de suas memórias Nava parece ter apenas uma preocupação, registrar o passado como numa foto, sem perder nenhum de seus detalhes: cenários, edificações, pessoas, tudo é revisitado. Tem o poder de fazer reviver seu passado para nele refugiar-se dos infortúnios da vida como ele afirma em *Bau de Ossos*: "(...) quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste..." "(...) Mas triste de não ter mais jeito..." "(...) só quero reencontrar o menino que já fui. Assim, quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na minha rua, a de meu sobrado..." "(...) Custei a recuperá-lo." (Nava, 1973, p.301) Uma vez mergulhado no passado, vai registrando, sem pressa, "mineiramente" suas experiências ou aquilo que ouviu de terceiros, na forma de fatos, caracterização de personagens, descrições seja de locais, seja de pessoas, tudo aquilo que sua extraordinária memória reteve, o que sua fina percepção lhe propiciou notar, o fruto, enfim, de suas observações. Assim faz reviver as emoções vividas, as sensações próprias da infância, aquilo que seu talento de escritor lhe possibilitou completar com a ficção. Para o artista seria

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

inadmissível um relato puro e simples, um depoimento mal terminado, ou bruscamente interrompido. A ficção funcionaria, talvez, para ele como um rigoroso acabamento, o polimento indispensável à finalização da obra de arte. Portanto, depoimento e ficção são a base de seu trabalho, como ele mesmo diz:

Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança ? onde começa a ficção ? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo - argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança - manipulados pela imaginação criadora. Foi bem assim ? devia ter sido assim ? ou é como se tivesse sido assim ? (...) só há dignidade na recriação. O resto é relatório... (Nava, 1977, p. 288)

O escritor Nava não se preocupa apenas com a informação, com os fatos do cotidiano cuja descrição, em sua obra são elevados a nível estético. Porém sua ficção é estribada num real concreto. Ele acredita ser impossível reconstituir o passado em estado de pureza, sem que seja corrompido por lembranças, misturado com o analógico do cotidiano. Nava discorre sobre este tema, como sobre todos os que aborda em suas memórias, com segurança de mestre e tranquilidade de teórico, criando uma metalinguagem sobre a sua obra. Com propriedade cita a opinião machadiana de que “a verossimilhança pode muitas vezes vencer e ser melhor que a verdade.” (1977, p.221)

Para a modernidade literária a eversão dos cânones, (ausência de normas), a experimentação, a mistura dos gêneros constitui-se numa de suas marcas. Haroldo de Campos cita em *Ruptura dos Gêneros* a afirmação de J. L. Borges de que “(...) não há praticamente diferença entre ensaio e literatura de imaginação, entre suas *inquisiciones* e suas *ficciones*”. (Campos, 1977, p.38) Como modernista, Nava sanciona a idéia de Borges; sabendo, pela própria experiência que “quem conta um conto, aumenta um ponto”. É este Pedro Nava, o arguto narrador das “Memórias” que vamos tentar conhecer através de sua obra; sobretudo através de *Balão Cativo* tentaremos determinar sua formação intelectual e geral, sua formação estética.

Dizem os pedagogos que a formação de uma criança deve ser iniciada trinta anos antes do seu nascimento. A boa cepa que fez desabrochar a rica personalidade de Pedro Nava pode confirmar esta afirmação. O estudo arbóreo que faz de seus antecedentes propicia a revelação de personalidades intelectualmente ricas, como, por exemplo, sua avó materna de quem ele fala em *Balão Cativo*: “Parece que minha avó materna era bastante inteligente e

que tinha uma instrução bem acima da das mulheres de seu tempo. Gostava de música e suas filhas todas tinham sido instruídas no dó-ré-mi-fá-sol pelo alemão Gustavo Reich.” “Além de música minha avó gostava de poesia. Deixou cadernos e mais cadernos, um mundo de álbuns, onde copiava o que lhe agradava. Poesia brasileira, portuguesa e francesa. Essa língua ela aprendera com uma parisiense...” “Aperfeiçoara-se depois com o Padre Roussin que transformara-a num fenômeno muito falado ali pelos lados do Paraibuna, ensinando-lhe rudimentos de latim. O casamento e a convivência com o Halfeld mais lhe teriam aberto o espírito.” (Nava, 1977, p.16)

Em *Balão Cativo* Nava fala longamente de seu tio Antônio Salles que foi escritor fecundo, respeitado naquele início de século. Em *Bau de Ossos* faz referências à elegância das conversas de sua família, que parece terem sido sempre voltadas para questões intelectuais: “(...) fixei o espírito à elegância do que se dizia, principalmente do que se não dizia... Jamais ouvi maledicência veiculada por meus pais e meus tios, como nunca ouvi palavras azedas de disputa na minha gente paterna. A conversa era cheia de preferências pelas idéias, pelas coisas e causas nobres, pelos assuntos intelectuais - estes versando simplesmente, como moeda de todo dia. Nenhum desses ledores que eram meu pai, tio Salles, tio Júlio, minhas tias Alice e Candoca se permitiam pedantismo ou brilho”. “Tenho visto noutros, mas jamais ultrapassada, aquela distinção moral e intelectual que eram as tônicas do grupo familiar dentro do qual acordei para a vida...” (Nava, 1973, p.350) A formação de Nava contava, pois, com um excelente substrato - o berço.

Depois de cursar uma espécie de jardim de Infância, Nava foi alfabetizado “pelas moças” do Colégio Andrés. Em seguida veio o Colégio Lucindo Filho, ainda em Juiz de Fora. Em 1914, já em Belo Horizonte, é matriculado no Ginásio Anglo-Mineiro, onde permaneceria por dois anos. Como exímio contador de histórias que é, Nava, através de suas descrições transporta, no tempo e no espaço, o leitor que pode visualizar, sem dificuldade, o chalé onde funcionava o Colégio Andrés, a sala de jantar em que o narrador foi alfabetizado pela “diáfana dona Branca”, ou o retrato de Alvina de Araújo Alves, professora do Lucindo Filho, “a harpia de antipatia solene e sem jaça” odiada por Nava.

Ao escrever suas memórias, quase aos setenta anos, a personalidade de Nava era transparente de sabedoria, advinda também das experiências, que segundo Walter Benjamin passa de pessoa para pessoa e constitui-se no manancial ao qual o narrador pode recorrer. Graças à experiência de Nava o leitor pode senti-lo, durante a leitura, como companheiro que caminha a seu lado e lhe mostra o “menino” no meio em que viveu, com as pessoas a quem

amou, mais, ou menos. É ainda Benjamin quem ensina: "Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia". (Benjamin, 1969, p.213)

O estilo de Nava assemelha-se ao fluxo de um rio que corre tranqüilo por vales, serpeando colinas, fluindo sempre, sem interromper o seu curso diante de obstáculos, mas indo continuamente para frente. Para ele inexistem barreiras, quer lingüísticas, quer sintáticas. Domina a arte da narrativa, sem que a oralidade possa empanar o brilho e a força do seu estilo. Sua memória cinematográfica propicia-lhe descrições ricas em detalhes, citação de nomes de antigos colegas e professores por extenso: Alvina de Araújo Alves, Afonso Arino de Melo Franco. Na descrição de uma casa tudo pode ser visto: a cor das paredes, o viço das folhagens do jardim, o velho relógio da sala, a cor dos olhos da serviçal, como quando descreve o colégio Andrés: "Era um chalé pintado de cor marrom, entrada lateral ajardinada com folhagens e trepadeiras de um viço amazônico". (Nava, 1973, p.267) Com igual minúcia e precisão traça características das pessoas, (mesmo se estas não fizeram parte da galeria daqueles a quem admirava, como no caso do seu tio Júlio) os pormenores de sua beleza ou feiura, revelando sua tendência pictórica: "Era difícil ver outro Machacaz bonito como tio Júlio. Com a testa alta; os olhos dum verde de água-marinha, o nariz aquilino, duma nitidez de entalhe de gravura; a boca bem traçada; o lábio superior em forma de arco; o crânio quadrado, o pescoço proconsular e o tronco repleto - era ver o busto de Nero da Sala dos Imperadores, no Museu Capitolino." (1977, p.86) A experiência do narrador o faz fecundo e versátil, como se pode ler, também em Benjamin: "Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada". (1969, p.215)

A experiência parece determinar também a existência de intertextualidade na fala do narrador onde aparece, abundante, na forma de epígrafes, citações ou referências. Notável é a presença de Manoel Bandeira e seu "Profundamente" poema que Nava parafraseia inúmeras vezes, incorporando-o a sua fala, metamorfoseando-o em seu próprio texto, numa mistura de gêneros pela qual a fala do autor passa a fazer parte de sua criação, na chamada intertextualidade antropofágica. "Onde estão as flores d'antanho? " "Os copeiros vinham com os imensos bules de prata, bojudos, cabo retorcido e uma alça na frente, em cima do bico..." "Onde estarão eles? onde estarão? estas peças de museu. Fundidas? em quilos de prateiro. Nas mãos de algum colecionador? Derretidas? no incêndio do Internato." (1977, p.274 e 282)

O que o próprio Nava fala de sua família e que foi referido acima, (“versando simplesmente como moeda de todo dia”) que não se permitiam pedantismo e brilho, pode ser aplicado a ele, que cita escritores, discorre sobre assuntos teóricos, intelectuais, religiosos, fala de cinema, de arte literária, de quadros famosos e respectivos museus, da formação da cidade de Paris, usa termos técnicos da linguagem médica, vai do arcaísmo ao neologismo e à montagem de palavras, aqui e ali aparece uma palavra em inglês, francês, latim ou italiano, termos regionais, palavras esquecidas, estrangeirismos, vocábulos eruditos, todo esse caldeirão, esse hibridismo léxico em linguagem sempre solta que, por vezes, segundo Arrigucci, pode-se até confundir com a prosa de ficção. Interessante seria fazer um estudo sobre tais aspectos. Como este é um trabalho voltado para a educação intelectual e formação em geral do autor, gostaríamos apenas de transcrever aqui algumas inovações gráficas encontradas ao longo da leitura de *Balão Cativo*: norsuloeste, oraiporele, salaçúcar, hominho, passavalsando, armoniflauta, canderasereu, solunar, mundominas, milavós, marimenso, luzazul, mildedos, açoprata, marazul, mozarlismo. Acrescentaríamos ainda algumas palavras em desuso, freqüentes na obra do autor: maria-mijona, destampatório, corrimaça, balacobaco, patacoada, cafardento, forro, coió-sem-sorta. É toda a sua experiência que ele transfere ao leitor, como se a ele oferecesse um simples copo de água. Para Arrigucci, seu estilo literário, ainda que coloquial, constitui-se numa “(...) integração abrangente e literariamente organizada de uma quantidade espantosa de elementos das mais diversas procedências, tudo perfeitamente ligado e fundido numa sábia mescla estilística onde nada falta...” (Arrigucci, 1987, p.72)

Na página 190 de *Balão Cativo*, Nava descreve o que foi para ele o contato com a biblioteca do seu tio Antônio Salles, explica como lera todos os livros existentes na do Ginásio Anglo-Mineiro: “pantagruelicamente”, fala, enfim, do processo de leitura tal qual ele observa em si. Sua concepção do ato de ler é incrivelmente moderna para a época, (início da década de setenta), quando a chamada Estética da Recepção estava apenas surgindo em Constância, na Alemanha.

Foi assim que eu li: (...) devorando, digerindo e esquecendo. Não falo do esquecimento como perda mas de esquecimento como assimilação. Destruição das formas oferecidas e arquivamento de suas frações nos recônditos mais profundos da memória, para a recriação de outros módulos agora nossos. Tal qual bife digerido que vira os aminoácidos do metabolismo intermediário que vão se

reagrupar nos músculos, nervos, unhas, cabelos. Na carne, agora nossa. (1977, p. 10 e 191)

A teoria compreendida na linguagem metafórica do médico-escritor parece coincidir com a do teórico polonês Roman Ingarden, da Estética da Recepção.

Em 1914, já de retorno à Belo Horizonte, Nava ingressa no Ginásio Anglo-Mineiro, que segundo ele era muito claro e alegre e com cheiro de casa nova. A educação inglesa foi sempre famosa pela seriedade com que é exercida por seus agentes, pela priorização da liberdade que a norteia, pelo respeito com que trata o discente. Parece que ainda hoje, além de todas essas características, os mestres britânicos têm mais uma preocupação - divertir a criança enquanto ela aprende. Que ela aprenda brincando.

Nesse novo colégio falava-se inglês com os mestres. Nos grandes pátios, aulas de futebol, a piscina. Quanta diferença daquilo que Nava havia vivido até então. No Anglo se deu seu grande encontro com a literatura infantil, o contato com a excelente revista infantil *Tico-Tico*, com os *Contos de Andersen* e dos irmãos Grimm, com o *Barba-Rossa* e *Coração*, de Edmundo De Amicis, leituras, segundo ele mesmo, inesquecíveis. A representação simbólica do maravilhoso fascinava o autor das "Memórias" que identificava-se com seus heróis: "Com Lavarède, amei Miss Aurett, viajei com cadáveres de chins e fiz a volta do mundo com cinco vinténs. Com Idain e Gardner fui traído por Kutzy, desci o abismo, escapei das najas, passei fome, sede e frio; conheci a Cidade Santa..." (Nava, 1977, p.143)

Antônio Cândido ensina que a necessidade universal de ficção e de fantasia que todo ser humano experimenta constitui-se numa das mais imperiosas e que: "A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal." (1972, p.804) Nava recolhia-se em seu isolamento e lia. Satisfazia sua necessidade de ficção e de fantasia o que aumentava sempre mais sua paixão pelos livros. Aprendeu a tratá-los bem ouvindo as recomendações dos mestres do Anglo, como ele mesmo esclarece: "Jamais esqueci, desde então, de tratar bem os livros - nossos escravos da lâmpada, amigos de sempre, senhores despóticos de nosso tempo." (Nava, 1977, p.143) Seu tio Antônio Salles teve igualmente grande participação na formação deste bom hábito de Nava. Aconselhava-o a ler tudo: livro, revista, jornal e até catálogo de telefone explicando que tudo era sagrado, porque tudo se tratava de letra impressa. Essa paixão pelos livros só poderia frutificar na forma de uma cultura sólida e abrangente, que não poderia se restringir a estreitos limites de especificidade.

O Ginásio Anglo-Mineiro propiciou ao autor, dentre todos os modernos recursos educacionais da época, o melhor de todos: o acesso à biblioteca, o incentivo à leitura da literatura infantil, o carinho pelos livros, fonte de onde jorra, até o presente, o conhecimento científico, estético e filosófico.

Existem muitas referências à literatura infantil nas memórias de Pedro Nava. Em *Balão Cativo* ele dedica algumas páginas ao assunto: (p. 142-6). O Anglo propiciou-lhe a introdução nesse reino encantado. Além deste mérito, teve um segundo, também muito importante para o autor - iniciou-o na bela língua de Shakspeare. Ao final de dois anos Nava expressava-se em inglês, lia Wilde, Dickens e Andersen nos originais, correspondia-se com seu tio Salles nesse idioma. Na página 147 de *Balão Cativo* ele descreve como eram suas animadas aulas dessa língua, ministradas por Mr. Jones. "De beca".

No início de 1916 o narrador muda-se para o Rio de Janeiro onde vai viver com seus tios Alice e Antônio Salles. Um novo mundo cultural abre-se então para ele, que será grandemente influenciado pelo tio - escritor, jornalista e poeta, cuja bondade e integridade tocariam fundo a alma do impressionável adolescente. Com seu tio conheceu o Rio de Janeiro da belle époque, as confeitarias, cinemas, livrarias; como ele lembra em *Balão Cativo*:

(...) Tudo isto me vem da lembrança de minhas excursões com tio Salles. Tomávamos o bonde em Haddochk Lobo e descíamos no largo da Carioca. Ele gostava de seguir por Gonçalves Dias até Ouvidor, ir rapidamente à Livraria Alves, fazer torna-viagem para atravessar a Avenida e demorar um pouco na Garnier.

Ou saía-se então apenas para "fazer a avenida", andar pela Avenida Rio Branco, que Nava comparava a um bulevar francês, cheio de palácios franceses: "Passear nas sombras era uma prerrogativa. Sobretudo no trecho chique por excelência que ia da esquina do Ouvidor à Sete de Setembro..." (1977, p.218) Foi "fazendo a avenida" que Nava encontrou-se com Lima Barreto.

Com seu tio passou a frequentar, "deslumbrado" a livraria Garnier, que ele descreve minuciosamente em *Balão Cativo* e onde, posteriormente, conheceria algumas das personalidades da mais alta roda literária da época: Coelho Neto, Olavo Bilac a quem chama de "alexandrino perfeito". Antônio Salles desfrutava de alto conceito na roda de intelectuais do Rio de Janeiro.

Segundo Nava, seu nome foi lembrado para a Academia Brasileira de Letras por Machado de Assis. Salles recusou-se a fazer parte dela conservando entretanto grande amizade por seus componentes.

O clima doméstico vivido por Nava constituiu-se, indubitavelmente, em campo fecundo para fazer desabrochar um novo intelectual. Se o terreno era bom, a semente não o desmereceria. A 4 de abril de 1916, Nava atravessa o “luxuoso vestibulo branco” do Internato do Colégio Pedro II onde permaneceria até 1920. Em *Balão Cativo* ele se refere ao Colégio como um lugar onde se aprende; “no estudo se estudava”. Eram quatro horas diárias. Sua prodigiosa memória, com certeza, muito contribuiu para que respondesse à expectativa de uma escola que exigia de cor nomes de rios, de batalhas, de reis da Europa, desde a lista dos Césares, até Napoleão Bonaparte, os verbos irregulares franceses, “as declinações de um latim de Cícero”, e mais e mais. O contato com excelentes mestres, com o meio cultural da metrópole, o lar, com o tio, para Nava, um pouco seu modelo e herói, tudo isso, mais a marcha inexorável da vida, de um dia após o outro, redundava na sedimentação dos conhecimentos do jovem que ia crescendo também intelectualmente.

Em suas memórias ele se revela, logo nas primeiras páginas, homem de uma vasta cultura geral. Médico, não se fechou na “igrejinha”, não se deixou possuir da grande ilusão de que um diploma basta. Como reumatologista escreveu muitos trabalhos que apresentava em congressos e simpósios. Como literato, bastariam as epígrafes que escreve em várias línguas, os termos que utiliza dessas mesmas línguas, sem se dar ao trabalho de nada traduzir, para se ter uma idéia da dimensão de sua cultura. Não se deixa trair pela linguagem tecnicamente médica, que, como frequentemente acontece, não bastaria para identificá-lo como profissional da área. Talvez seja mais fácil, através dela, identificar-se o literato. Senão, vejamos: “Por morte de minha mãe e tia Alice, chegaram-me às mãos lembranças guardadas por elas: as cartas que lhes escrevi em 14/15, do Anglo. Assim, as que em vida me deram vida e convivência, mortas, legaram de volta a minha infância.” (1977, p.130) “Nosso companheiro saía, não sem que um calça-pés derradeiro o atirasse fora do campo, cabeça erguida e braços para a frente - na postura dos cegos desequilibrados de Brueghel.” (1977, p.137)

Raros bondes passavam como bolas de ouro na noite de Haddock Lobo. O céu baixinho, baixinho. A gente, se quisesse, podia segurar os galhos da treva, baixá-los e colher nas suas pontas as frutas de prata das estrelas.
(1977, p.202)

A força criadora da linguagem permeia toda a sua obra. Suas descrições são reveladoras de seu talento pictórico, quadros para cuja contemplação é transportado o leitor. Suas comparações, pertinentes.

Acima citamos alguns dos seus belos trechos, entre eles um em que faz alusão aos cegos de Brueghel. Nesta área, a pintura, o escritor nadava de braçada. Era pintor e costumava ilustrar seus trabalhos literários antes de escrevê-los. Suas viagens ao exterior dotaram-no da experiência dos que têm a prática e o contato com as belezas históricas, artísticas e naturais de outras civilizações. Refere-se freqüentemente em sua obra a artistas como Tiziano, Rafael, na “força e no travo” de Toulouse - Lautrec, nos nus de Renoir. Para Francisco de Assis Barbosa a obra de Pedro Nava é um “verdadeiro monumento literário”. Trabalhar com esse “monumento” constitui-se em tarefa tão gratificante quanto interminável. A rica personalidade do autor deixou-se viver de maneira a impregnar-se da vida, a absorvê-la na sua espantosa singularidade de cada instante, de modo responsável, por isso, consciente. Figuras semelhantes à dele parecem tocar o infinito...

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI Jr., D. *Enigmas e comentário: ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1969. v. I.
- CAMPOS, H. de. *Ruptura dos gêneros na literatura Latino-Americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, 1972.
- NAVA, P. *Bau de Ossos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.
- _____. *Balão Cativo*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1977.